

# O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 6 - Nº 22

JAN / ABR - 97

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO



Rua Presidente Olegário Maciel (antiga Boa Vista). À direita o prédio do Clube Brasil 1940/1950. Otávio Fonseca. Arquivo SPH/FCCB.

## MEMORIAL CLUBE BRASIL

No início este local era patrimônio da Igreja. Foi residência de particulares, depois construiu-se o Cine-Teatro Glória onde muitos artistas, cantores e declamadores, apresentaram-se ao público araxaense.

Um grupo de jovens idealistas, nos anos trinta, fundou o Clube Brasil, mais tarde fortalecido e celebrizado pela juventude dos anos rebeldes.

Das suas sacadas foram pronunciadas palavras de saudação a Getúlio Vargas e aos pracinhas que partiram para a Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Daí, Jânio Quadros como governador de São Paulo e Clóvis Salgado, como vice de Minas Gerais, comunicaram à multidão que os ouvia assuntos de interesse da cidade como a construção da estrada Araxá-Franca.

Como patrimônio de significativo valor cultural que ele é, merece ser observado com atenção por quem por ele passa diariamente. Merece ser preservado e ter sua história reconstituída nessa edição. Página 4.

PÁG. 3

### QUEM FOI QUEM

Os Correios deram-lhe a garantia de sobrevivência e o maior referencial ao seu nome Maria. Mas ela tornou-se conhecida, também como a vidente de Araxá. Saiba mais sobre MARIA DO CORREIO na página 3.

PÁG. 8

### RESGATE POSTAL OS CORREIOS

Pouco depois de ser instalada a Câmara Municipal da Vila de São Domingos do Araxá, em 1833, uma preliminar estrutura atuava para praticar o processo de comunicação postal. Dos cidadãos indicados para exercerem essas funções, exigiam-se "independência de caráter, honra e sisudez".

# FAZENDO HISTÓRIA

## CONHEÇA O LEGISLATIVO

A Câmara Municipal de Araxá está desenvolvendo o projeto "Conheça o Legislativo" e, para isso, conta com o apoio da Secretaria Municipal de Educação. O objetivo do projeto é integrar Câmara Municipal e comunidade de Araxá. A Fundação Cultural Calmon Barreto ofereceu sua colaboração na busca da reconstituição da história do poder legislativo que deverá acontecer na segunda etapa do projeto.

## DIA DO CARTEIRO

"Os carteiros e o poeta" - No dia 25 de janeiro, "Dia do Carteiro", uma homenagem significativa foi preparada pela Fundação Cultural Calmon Barreto, Academia Araxaense de Letras e Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, com expressivo patrocínio de empresários da cidade. Um café da manhã com programação cultural foi oferecido aos 22 carteiros de Araxá, na plataforma da sede da Fundação com a presença do "poeta" Ministro Olavo Drummond, atual Prefeito Municipal de Araxá.

## MUSEU DONA BEJA

A Fundação Cultural Calmon Barreto, com o apoio da Prefeitura Municipal e Rodocap, fez realizar no Museu Dona Beja uma mostra da artista plástica Regina Amorim, expondo seus trabalhos em óleo sobre tela denominada: "Anjos". Essa exposição permaneceu aberta ao público do dia 2 ao dia 28 de fevereiro de 1997.



## Carta do Leitor

Araxá, 1º de janeiro de 1997

Senhora Presidente,  
Aprez-me dirigir a você, se assim me permite tratar-lhe, para externar a grata satisfação em dizer-lhe o quanto me alegrou pelo presente recebido ontem, no último dia do ano que findou.

Trata-se do Boletim Informativo nº 21 de "O Trem da História" editado por esta Fundação, tão bem dirigida por você e toda a sua equipe.

Permita-me também dizer-lhe que, se não for muito difícil, gostaria de receber os futuros boletins de O Trem da História que vem nos possibilitar de uma maneira fácil e agradável, conhecer algo mais sobre a história de nossas raízes e antepassados."

Ahilton Guimarães

## ARTESANATO

A Supervisão de Artesanato da FCCB, crescendo e se expandido, inaugurou no dia 12 de fevereiro p.p. seu primeiro núcleo de extensão, incluindo aulas na área da tecelagem manual. Funciona à Rua Mário Campos, 187.

## MUSEU CALMON BARRETO

No Museu Calmon Barreto no dia 28 de fevereiro de 1997, a Fundação realizou o lançamento do livro: "50 anos de poesia" do escritor e poeta araxaense Ângelo D'Ávila que, num ato de desprendimento, ofereceu sua renda total em benefício das obras assistenciais da Casa do Caminho. Esse acontecimento deu início a uma nova etapa nesse espaço cultural, tornando-o dinâmico e aberto às pessoas que produzem riquezas culturais, dentro do conceito moderno da função de um Museu.

## DIA DO ARTESÃO

Dia 19 de março - "Dia do Artesão" - A Fundação Cultural Calmon Barreto, a Secretaria de Turismo e a Associação dos Artesãos e Doceiros de Araxá prestaram homenagem aos artesãos da cidade na sede da Fundação. Esta foi uma forma de manifestar consideração e respeito a esses artistas muitas vezes relegados ao anonimato.

## MEMÓRIA E FÉ

Semana Santa 1997 - "Memória e Fé" - Pelo quinto ano consecutivo a Fundação Cultural Calmon Barreto, através do Museu Dona Beja, abriu suas portas para uma mostra alusiva a essa semana. Foram expostos esse ano objetos antigos como: biblias, livros de orações, terços, fitas das Irmadades de São José, das Filhas de Maria, do Sagrado Coração e de Nossa Sra. Auxiliadora, vestidos de 1º comunhão, paramentos de coroinha e opas de Irmãos do Santíssimo. Todos foram emprestados por diversos araxaenses.

## DIA MUNDIAL DA ÁGUA

Prefeitura Municipal de Araxá, Fundação Cultural Calmon Barreto e Secretaria Municipal de Turismo fizeram realizar domingo, dia 23 de março, no Barreiro, ao lado da Fonte Dona Beja uma programação festiva em comemoração ao "Dia Mundial da Água" com patrocínio exclusivo da SUPERÁGUA.

Constaram dessa programação números artísticos de dança, de canto e musicais. Encerrou o evento o Coral Heitor Villa-Lobos da FCCB, que brindou a platéia com músicas cujas letras específicas enaltecem a água como fonte de vida.

## Editorial

**I**ncentivar pesquisas sobre a história de Araxá". Assim diz, um item do artigo segundo dos primeiros estatutos do Clube Brasil, elaborados em 1937. Sessenta anos depois esse objetivo está sendo cumprido.

É tempo de nova administração e de novos planos e idéias. O Trem da História segue, por isso, novas diretrizes. Divulga uma pesquisa sobre o Clube Brasil estimulado pela perspectiva de projetos futuros para a comunidade. Nada mais oportuno do que dar início a um processo de reciclagem do uso das edificações consideradas importantes para a memória coletiva da cidade. O valor arquitetônico daquele prédio e o significado sócio-cultural da instituição incentivaram a sua reconstituição histórica, tal qual sugeria o documento criado pelos advogados Dr. Danilo Cunha, primeiro presidente do Clube Brasil e Dr. Antônio de Castro Botelho, seu vice.

Um evento idealizado para ressaltar o essencial, mas anônimo, trabalho do carteiro despertou-nos para a importância de desenvolvermos um estudo sobre os Correios em Araxá.

Da história dos nossos Correios (que remonta ao início do século XIX) à lembrança de Maria da Conceição Soares Borges - a Maria do Correio - foi um processo natural. Evidência que comprova a absoluta necessidade de contextualizar um tema, mesmo porque, na história, nada se justifica isoladamente.

## O TREM DA HISTÓRIA

### EXPEDIENTE

#### FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

Lygia Cardoso Maneira  
PRESIDENTE

#### SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

Glaura Teixeira Nogueira Lima  
PESQUISA E TEXTO

Lillian Raquel da Silva  
Ariadne Cêlda Ferreira  
COLABORAÇÃO

Elaine Denise de Oliveira  
JORNALISTA RESPONSÁVEL - DRT/DF 2089/80

Antônia Verçosa  
REVISÃO

Imagem Propaganda  
LAY-OUT



FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO  
PRAÇA ARTHUR BERNARDES, 10 - ARAXÁ - MG - CEP 38180-000  
FONE (034) 662-1033 - RAMAIS 2260, 2262, 2263 - FAX (034) 662-1262

#### PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ



TERRA DE DEUS E DO SOL

# QUEM FOI QUEM

## Maria do Correio

Um recorte de jornal de Belo Horizonte já esmaecido pelo tempo, embora relativamente recente - 29 de setembro de 1974, traz um texto assinado por Anna Marina, apontando a possibilidade de vincular a publicidade do Grande Hotel do Barreiro à existência de uma moradora de Araxá. Refere-se à Maria da Conceição Soares Borges, a Maria do Correio, conhecida por seus poderes sobrenaturais de antever o futuro.

Nessa matéria, a jornalista descreve a casa de número 187, da Rua Uberaba, por onde passaram políticos, homens de negócios, personalidades esportivas, "mulheres da sociedade" e muitas pessoas comuns (jovens, inclusive), em busca dos dons da vidente de Araxá. Diz ter confirmado pessoalmente aqueles dons e ressalta, ainda, a firmeza com que Maria falava e o perfil psicológico que traçava de cada consulente "naquelas cartas colocadas numa mesa coberta por uma prosaica toalha de xadrez branco e azul".

Durante o período de temporada da estação de águas no Barreiro (entre as décadas de 50 e 70) não era fácil solicitar um horário em sua agenda. Muitas vezes, os motoristas de táxi ou os próprios motoristas dos hotéis cuidavam da divulgação do nome de Maria do Correio, indicando-a aos hóspedes e conduzindo-os até sua casa. De outras cidades muitos escreviam-lhe cartas marcando consultas ou aprofundando assuntos tratados anteriormente. Ao que parece, as pessoas que a procuravam eram recebidas com senedade e profissionalismo, sempre durante o dia. Nunca "lia a sorte" de menores de idade e de membros de sua família.

É bem provável que, se visse nos dias de hoje, os assuntos mais questionados não fossem exatamente os mesmos. Naquela época, aos homens interessavam os negócios e, na sua maioria, as mulheres buscavam conhecer o futuro relacionado ao casamento e à maternidade.

Aos mais próximos ela confessava que para ler sorte não precisava necessariamente usar o baralho, poderia fazê-lo com uma folha de árvore, por exemplo. O baralho, na sua concepção, era um elemento que se oferecia às pessoas para que pudessem relaxar e direcionar seus pensamentos.

É fácil deduzir que Maria era presenteada com inúmeros baralhos e que possuía uma coleção deles. Mas para trabalhar utilizava apenas um. Quando este se desgastava substituía-o por outro.

### FORMAÇÃO FAMILIAR

De família tradicionalmente católica, viveu toda a sua vida entre os pais, os irmãos e os sobrinhos.



Mario do Correio. Década de 70. Acervo Margarida Borges.



JK e Maria do Correio. Década de 70. Acervo Margarida Borges.

Nasceu em Araxá, na Fazenda Garimpo do Ouro, em 29 de fevereiro de 1916. Foi a primeira filha de José Mariano Borges e Cassulina Soares Caldeira Borges, seguida pelos irmãos Célida, Norma e Siziolfredo. Do primeiro casamento de seu pai teve outros cinco irmãos: Sabino, Francisca, José (Caburé), Ana (Sinhana) e Conceição.

Como primogênita, deixou a fazenda com dez anos, aproximadamente, sozinha, para estudar com a Professora Luiza Batista Machado, na Escola Nossa Senhora Auxiliadora, uma das iniciativas particulares de ensino daquela época. Morou com a tia materna, Inês Idalina Soares, até a vinda definitiva de toda a sua família para a cidade.

Ainda cedo, como todas as irmãs, aprendeu a costurar com Anna Cunha e com a mãe Cassulina, também costureira. Por ser caprichosa e detalhista, dedicava-se aos arremates dentro de todo o processo de confeccionar roupa.

Desde cedo contribuiu para que fosse ampliada a mão-de-obra feminina trabalhadora. Em busca de melhores perspectivas de vida, foi trabalhar na Rede Telefônica de José Botelho, no tempo em que esse tipo de serviço era prestado por particulares e funcionava onde é hoje a sede do Correio de Araxá.

### VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL

Por volta de 1937, começou a trabalhar na "Casa de Banhos", assim chamado o antigo balneário do Barreiro. O governador Benedito Valadares dava início às obras do Grande Hotel e das Termas, vários estudos sobre as águas minerais estavam sendo realizados e os "aquáticos" hospedavam-se no Hotel das Fontes, Rádio, Cavallini e Colombo. Trabalhando na ala dos banhos fez muitos contatos e conheceu pessoas diferentes. Um problema de saúde deixou-a internada na enfermaria do balneário. Junto a dois aquáticos que ali faziam tratamento, aprendeu a despertar o seu lado sensitivo com o seu alto grau de percepção. Recuperada fisicamente voltou a trabalhar e passou a "ler a sorte" dos frequentadores do Barreiro.

Para sua irmã Célida, com quem desde muito cedo trocava idéias sobre a sensibilidade presente nas duas, Maria foi curiosa e observadora. De pouca conversa, era séria, calma e discreta.

O contato com os aquáticos foi fundamental para que conseguisse evoluir profissionalmente. No início dos anos 50 tornou-se funcionária dos Correios trabalhando como postalista responsável pelo serviço aéreo até aposentar-se em 1975. Os Correios deram-lhe a garantia da sobrevivência e o maior referencial ao seu nome Maria.

Maria do Correio não se casou e não teve filhos. Isto não a impediu de realizar-se na esfera da maternidade. Adotou legalmente seis sobrinhos (Rosa, Margarida, Jorge, Cassulina, Mauri e Mauro) e a todos eles propiciou oportunidades de estudo e de trabalho.

A família, a quem dedicou carinho e proteção, hoje a descreve como uma mulher alta e elegante. Vaidosa, gostava de usar jóias, principalmente, o broche que ostentava uma carta de baralho. Orgulhava-se da rua que leva o seu nome no Bairro Salomão Drummond, desde 1991, num gesto de homenagem prestado a ela pela Câmara Municipal de Araxá. Algumas de suas antigas amizades são preservadas, o que torna, segundo os familiares, ainda mais dolorosa a sua morte ocorrida em 27 de setembro de 1979.

### PREVISÕES CÉLEBRES

Algumas de suas previsões tornaram-se célebres na mídia nacional. Em 1969, o jogador de futebol Tostão, enquanto se recuperava de uma cirurgia, em Araxá, foi apresentado à Maria que o aconselhou a aproveitar aquele momento profissional que estava vivendo. Disse-lhe ainda que teria um ano de ouro pela frente. Tostão foi tricampeão pela Seleção Brasileira em 1970 e logo depois, afastou-se definitivamente do futebol por um sério problema oftalmológico.

Mais inusitada ainda foi a consulta de um grupo de dirigentes políticos do país. José Sarney, José Aparecido de Oliveira e o então Governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, procuraram conhecer o seu destino político, acompanhados por Oto Lara Resende, Fernando Sabino e Rubem Braga, intelectuais que já cuidavam da imagem do governador mineiro com vistas à campanha presidencial de 1965. Apenas um deles ouviu de Maria do Correio que seria presidente do Brasil. O golpe militar de 1964 alterou os rumos da política interna brasileira e impediu que Magalhães Pinto se candidatasse ao mais alto cargo da República. Em 1985, mais de vinte anos depois a previsão confirmou-se. Doente, o Presidente Tancredo Neves foi impossibilitado de tomar posse e o vice, José Sarney, o fez em seu lugar, exercendo o mandato até o final.

Há quem diga, e a família o confirma, que, a pedido de seu pai, Arnon de Melo (assíduo frequentador da Estância do Barreiro), Fernando Collor de Melo teve seu futuro previsto pelos poderes de Maria do Correio que chegou a dizer-lhe, também, que um dia seria presidente do Brasil.

Os três episódios que envolveram as personalidades nacionais foram testemunhados por pessoas daqui que as acompanharam durante as consultas.

### Fonte:

- Acervo da Família Soares Borges  
- Depoimentos: Margarida Francisca Borges, Célida Soares Pinto, José Mariano Neto, Lygia Cardoso Maneira.

# MEMORIAL CLUBE BRASIL

**É** bem possível que grande parte das pessoas, que passam diariamente pela Rua Presidente Olegário Maciel, não observem atentamente o Clube Brasil com suas características arquitetônicas, seus relevos decorativos e a imponente águia no ponto mais alto do prédio. Estas pessoas, possivelmente, também desconhecem a história que envolve aquela construção e a instituição que ela abriga.

O que poderia este patrimônio histórico e cultural da cidade ter em comum com a queda da Bolsa de Valores de New York

num dia mundialmente célebre de 1929? E com a ascensão de governos autoritários e ditatoriais como o fascismo e nazismo? E até mesmo com o uso de instrumentos de controle e repressão ideológica por parte do Estado Novo de Getúlio Vargas?

Com certeza há muitas interações entre esses e outros exemplos com a vida do Clube Brasil nos seus primeiros tempos, como a sensível perda da lucratividade dos grandes cafeicultores brasileiros naquela época, o fim da alternância do comando do país por mineiros e paulistas e a própria Revolução de 1930.

## METODOLOGIA

A pesquisa, que deu forma ao memorial agora publicado, foi essencialmente firmada na documentação dos arquivos públicos e do arquivo do Clube, acrescida das informações orais pertinentes a cada período estudado.

Embora não tenha sido propósito proceder um levantamento das diretorias que estiveram à frente da associação e da atuação de cada uma delas, o fato de consultarmos as atas da Assembléia Geral e algumas disponíveis do Conselho Deliberativo levou-nos a identificar esses aspectos administrativos. Da mesma forma como citamos alguns nomes de diretores e de funcionários ou até mesmo de acontecimentos diversos, poderemos ter omitido outros. Isto porque, não existe um arquivo que subsidie a pesquisa sobre todos os funcionários e todas as atividades sócio-culturais durante seus sessenta anos.

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Há seis décadas Araxá ainda não dispunha de um espaço destinado exclusivamente à realização de festas sociais. Bailes de Carnaval não eram promovidos por falta de local apropriado. O Trianon não havia sido



Rua Presidente Olegário Maciel. À direita, a Casa Rex e o Clube Brasil. À esquerda, a Drogaria Dumont. 1940-1950. Doação da Prefeitura Municipal de Araxá. Arquivo SPH-FCCB.

originalmente construído com esta finalidade e o Grande Hotel por pouco tempo funcionou tal como foi projetado. Logo depois de inaugurado foi adquirido pela Congregação Salesiana que reformou e ampliou o prédio para transformá-lo em Colégio Dom Bosco.

Qualquer iniciativa no sentido de dotar a cidade de um clube social era revestida por conotações políticas. Desde a década de 1920 as divergências entre as duas facções aqui existentes, os Ferreiristas (sob a liderança do Coronel José Adolpho de Aguiar) e os Jacquistas (seguidores do Senador João Jacques Montandon) dividiam Araxá em dois lados opostos e impediam a realização de projetos comuns que atendessem às aspirações da população.

De certa forma, aquela que parecia ser uma eterna disputa pelo poder local provocou, pouco depois, a criação do Clube Brasil.

Na antiga Rua Boa Vista, nos anos 20 o terreno que compreende, hoje, as sedes do Clube Brasil e do Banco Nacional confrontava-se com as residências de Izidro Ferreira dos Santos e Ernesto Rosa e, fazia parte do patrimônio da Igreja. O vigário Pe. André Aguirre vendeu-o, em nome da Paróquia de São Domingos, a João Fagundes de Cerqueira, conforme consta em certidão registrada em 28 de dezembro de 1920.

Alguns contemporâneos de João Fagundes de Cerqueira confirmam que nesse local ele residia com sua família em uma casa construída no espaço referente ao Clube. Ao lado desta, ainda em seu terreno, era proprietário de uma outra casa, embora menor, alugada ao que se chamava na época, de "Café do Zé Domingos". Ao que parece, este oferecia um serviço precário de café que se justificava pela existência ali de um concorrido jogo de baralho.

Em 10 de maio de 1929 registrou-se em cartório a venda do primeiro imóvel, referente

à residência dos Fagundes, adquirido pela firma Arnaldo Araújo e Irmãos.

## O CINE-TETRO GLÓRIA

Na tentativa de preencher uma necessidade da vida sócio-cultural dos araxaenses, os irmãos Agenor, Agenério e Arnaldo Braga de Araújo investiram em um arrojado empreendimento. Construíram o Cine-Teatro Glória cujo espaço destinava-se, no térreo, a cinema e teatro, salão de jogos, bar, cabaré (ao fundo). Para o pavimento superior foi projetado um grande salão para a realização de bailes.

Não foi possível, ainda,

identificar a autoria do projeto deste prédio.

Para a época, ele pode ser considerado moderno pelos seus elementos arquitetônicos, pela sua imponência e pela qualidade do seu acabamento, definido na documentação pesquisada como sendo de "primeira ordem". O Cine-Teatro Glória foi assim denominado, provavelmente, seguindo uma tendência comum a outros estabelecimentos em todo o país, inclusive em Araxá, com o Hotel Glória da antiga Rua São Miguel. Foi inaugurado entre 1929 e 1930 e não existe um registro por escrito que confirme exatamente esta data. Por um período, o andar superior do prédio foi alugado à casa de jogos de Otamilo Cunha ao mesmo tempo em que no grande palco do térreo, hoje utilizado apenas pelo cinema, aconteciam espetáculos teatrais vindos de São Paulo.

## CRISE PROVOCA VENDA

Apesar de toda a estrutura que o prédio oferecia, o investimento não permitiu a seus proprietários o retorno financeiro que esperavam. Isso porque a grave crise de 1929 repercutiu mundialmente afetando todos os setores como a indústria, o comércio, a agricultura e as instituições bancárias e se fez sentir especificamente no caso dos empreendedores de Araxá e de sua clientela.

Hoje, as pessoas que viveram aquele momento atribuem o resultado negativo do empreendimento não só às dificuldades financeiras provocadas pela crise internacional mas também à mentalidade conservadora, notória influência da Igreja, que determinava os hábitos e os costumes de então.

Em 1933 a venda do Cine-Teatro Glória tornou-se inevitável. Como imóvel de grande valor comercial, levando-se em consideração, principalmente a época em que foi edificado, tornou-se difícil a concretização, aqui mesmo

em Araxá, de um negócio que satisfizesse as partes envolvidas.

Por isso, com a interferência do Senador João Jacques Montandon, representante de Araxá na Assembléia Legislativa do Estado no Governo de Olegário Maciel, os irmãos Braga de Araújo venderam sua propriedade, a um cliente à altura daquele patrimônio: o próprio Estado de Minas Gerais.

No período após a venda, o Prefeito de Araxá Dr. Fausto Alvim, como representante natural do Estado, passou a administrar o imóvel alugando todo o andar térreo onde funcionavam o cinema e o bar.

### O CLUBE BRASIL

Se o ano de 1937 terminou para o Brasil com o Congresso Nacional fechado, com uma nova constituição que privilegiava o poder executivo e com os partidos políticos dissolvidos e os meios de comunicação censurados, para Araxá foi marcado pelo nascimento do Clube Brasil.

Reconhecidamente influenciado e estimulado pela ideologia do estado autoritário de Getúlio Vargas que por sua vez identificava-se com os regimes totalitários - nazismo e fascismo - um grupo resolveu fundar uma associação recreativa. Eram onze pessoas que decidiram formar um Conselho e eleger sua diretoria.

Na opinião pessoal de Dâmaso Drummond, um dos fundadores do Clube e o único que hoje sobrevive, foi esta uma maneira providencial de evitar a eleição por Assembléia Geral e permitir que os prováveis candidatos aos cargos da diretoria levantassem as já conhecidas questões político-partidárias locais.

Desde o início contou-se com o apoio incondicional do então Prefeito Fausto Alvim que colocou à disposição do novo Clube, sem custos, todo o pavimento superior do Edifício Glória. Desde a sua inauguração numa noite de gala, ao som de orquestra, aquele salão, que já havia sido de jogos, não possuía uma função definida.

### OS FUNDADORES

A Comissão Fundadora, presidida por Dâmaso Drummond e composta por Dr. Danilo Cunha, Dr. Antônio de Castro Botelho, Dr. Walter Santos, Dr. Pedro de Paula Lemos, Dr. José Maria de Lima Torres, Dr. Geraldo de Paiva Abreu, Jayme Dumont, Dr. Ubaldo Ribeiro, Genaro Porfírio de Azevedo, Dr. Tibúrcio Afonso Teixeira, reuniu-se no dia 11 de abril de 1937. Nesta primeira reunião todas as questões foram resolvidas. Constituiu-se a primeira diretoria, assim formada: Dr. Danilo Cunha, presidente; Dr. Antônio de Castro

Botelho, vice; Genaro Porfírio de Azevedo, secretário; Jayme Dumont, tesoureiro.

O nome a ser dado ao Clube foi sugerido por Dâmaso Drummond e aceito imediatamente. Os estatutos foram aprovados já na segunda reunião e publicados no Diário Oficial de Minas Gerais, em 23 de abril de 1937.

Os fundadores empenharam-se em vender as ações ao preço de 300\$000 réis, num trabalho pessoal de visitas domiciliares. Se Dâmaso Drummond foi o presidente dessa Comissão por ter sido o personagem que liderou a iniciativa, Dr. Danilo Cunha foi o primeiro presidente e o co-autor dos estatutos primeiros, ao lado do Dr. Antônio de Castro Botelho, designados pelos demais companheiros pela formação em advocacia.

Dentre os aspectos mais interessantes dos estatutos registrados em Cartório no dia 27 de setembro de 1937, estão os que definem os objetivos de "congregar os araxaenses de posição social definida", "incentivar pesquisas sobre a história de Araxá", "proporcionar aos associados entretenimentos diversos", organizar e manter uma biblioteca, estimular a publicação de livros de autores araxaenses, divulgar Araxá e estimular o turismo.

Nota-se a evidente preocupação com temas culturais (mesmo que nesse caso atingisse uma restrita camada da população) e ao mesmo tempo já denota a importância de explorar a potencialidade turística da estância que ainda não havia sido apresentada como a maior e a mais bela do continente.

Outro artigo dos estatutos afirma que o Conselho Diretor seria constituído permanente e definitivamente pelos onze membros da comissão fundadora.

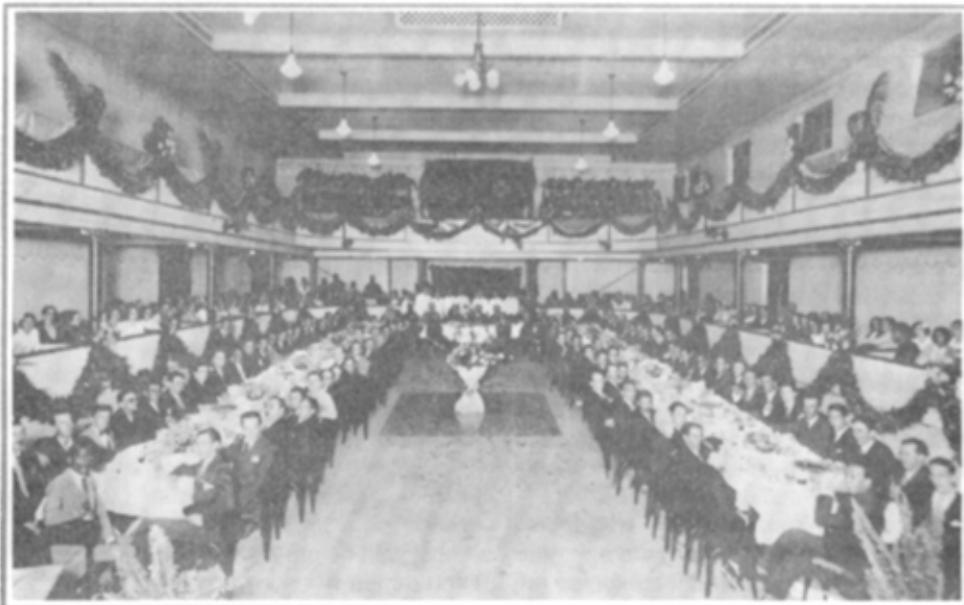
Assim, o Clube Brasil foi, finalmente, inaugurado em 09 de outubro de 1937. No ano seguinte aconteceu o primeiro baile de Carnaval e os ingressos foram vendidos de casa em casa. Sessenta anos depois, na visão analítica de Dâmaso Drummond, foi ele próprio, nos anos quarenta, o "último presidente em sua fase fascista".

### A SEDE PRÓPRIA

Em busca de recursos financeiros que viabilizassem o término da construção da estrada Araxá-Catiara, a administração municipal recorreu ao Governo do Estado. Foi, então, autorizada a venda do "Cine-Teatro" para que Araxá investisse naquele empreendimento. Um decreto-lei de 09 de dezembro de 1938, assinado no Palácio da Liberdade pelos mineiros históricos, Governador Benedito Valadares, Dr. José Maria de Alkmin e Dr. Ovidio Xavier de Abreu, estipulou o preço mínimo de cento e cinquenta contos de réis e considerava o produto daquela venda como renda eventual do município a ser aplicada na construção da estrada.

A direção do Clube Brasil manifestou interesse em adquirir a sua sede própria e aprovou um projeto para obter a quantia necessária à aquisição. Novas ações foram vendidas e o preço de cada uma elevou-se de 300\$000 para 500\$000 réis.

Desde então, o Clube passou a ser o proprietário do prédio com todas as instalações onde funcionavam a Confeitaria Brasil, o Salão Brasil e o antigo Cine-Teatro Glória que, naquele momento, já havia se transformado em Cine Brasil. Adquiriu-se em



Banquete oferecido ao Bispo Dom José Gaspar no espaço do Cine Brasil 1935  
Doação da Família Affonseca e Silva Arquivo SPH FCCB

— PAPELARIA —  
**REGIONAL**

Pioneira em venda de suprimentos e periféricos de informática.  
Telefax 661-3898



**GRÁFICA  
SANTA ADÉLIA**

Tradição com tecnologia de ponta.

Av. Senador Montandon, 66 - Fone 662-3322

☆ Clube ☆  
**BRASIL**

Rua Pres. Olegário Maciel, 187  
Fone 661-1930

concorrência pública como única proposta apresentada e aprovada em 03 de fevereiro de 1939.

A Assembléia Geral de 03 de outubro de 1942,

Nesse período, o Cine Brasil, hoje pouco lembrado, despertava grande atenção de frequentadores e empresários dispostos a arrendá-lo.



*Baile da Chita Evento patrocinado pela Casa Rex. 1935 1940  
Doação de Augusto Eduardo Montandon Arquivo SPH-FCCB*

aprovou novos estatutos que se referem ao prédio adquirido do Estado de Minas Gerais como propriedade do Clube Brasil. A escritura pública de compra e venda foi registrada posteriormente, em 24 de fevereiro de 1945. O Estado foi representado pelo prefeito Dr. Alvaro Cardoso e o Clube, pelo seu presidente, Dr. Hugo de Rezende Levy.

Em toda a documentação disponível sobre o tema, especificamente o decreto que autorizou a negociação e a certidão que registrou a escritura, não foram confirmadas as informações orais que garantiam a existência de condições impostas pelo Estado de Minas Gerais na negociação do imóvel.

### O PRÉDIO E AS SUAS FUNÇÕES

No início dos anos quarenta foi registrado o arrendamento do Cine Brasil através da Empresa Cine Brasil, propriedade dos sócios José Fonseca Júnior e Geraldo Porfírio Botelho. Foi elaborado um projeto, em 1946, de reforma e modificação do prédio, assinado por Romolo de Paoli, engenheiro civil radicado em Belo Horizonte. Ao que consta, nesse projeto a obra foi executada por Valentino Antônio de Senna, conhecido construtor da época.

Sob a presidência de Dino Baroni, tendo como secretário Hildebrando Maneira foram reformados os estatutos em 1950. Fixou-se em quinhentos o número de ações emitidas pelo Clube e definiu-se que cada sócio não poderia possuir mais de cinco ações.

Novamente com Dino Baroni na presidência em 1958, desta vez auxiliado pelo vice-presidente, Alonso José de Aguiar, foi apresentado um projeto de reforma do prédio.

### OS ANOS 60

O Correio de Araxá no início dos anos sessenta noticiava sobre a eleição de um novo Conselho Deliberativo do Clube Brasil com objetivo de resolver o problema da falta de espaço considerado insuficiente para o número de associados. Comentava-se sobre a possível criação de um novo clube social na cidade e por outro lado, apontava o sucesso dos bailes de Carnaval do Grande Hotel do Barreiro como fator de desprestígio da programação carnavalesca do Clube.

Mas o fato é que durante esse período, toda uma geração de araxaenses dedicou parte de sua mocidade ao fortalecimento e à celebração da instituição Clube Brasil. O lema da chamada juventude rebelde dos anos 60 - "o importante é ser feliz" - parece ter sido aplicado ali em toda a sua intensidade.

A nostalgia de um passado recente tende a valorizar ainda mais a iniciativa dos jovens, dos anos trinta, de dotar Araxá de um clube social.

Um grupo formado por jovens que frequentavam o Clube, principalmente na década de 60, vem se reunindo esporadicamente em encontros marcados, na sua essência, pelas lembranças de suas Horas-Dançantes, dos coquetéis "Só para Mulheres", dos Bailes de Reveillon, de Aleluia, de Máscaras, de Formaturas, da Chita, o das eleições das Rainhas da Beleza e, ainda, das matinês do Cine Brasil e da sinuca do Bar Brasil. Antônio de Melo, Walmir Alves da Costa e Luciano de Souza Rocha Júnior (Lulu) foram alguns dos arrendatários do bar. Da gerência do Clube, primeiro com Benedito (Bené) Cardoso e depois, com Cornélio Wantuil Siqueira, aos funcionários da portaria (Juca Barreto, João de Ângelis, Agostinho das Neves) todos tornaram-se eternizados na memória dessa geração de moços e moças.

### OS MÚSICOS

Não há dúvida de que aos músicos, responsáveis pelo elemento fundamental dos bailes e horas-dançantes, não deve faltar reconhecimento.

Anteriormente, nos anos 50, o saxofonista Benedito Carneiro, já consagrado membro das orquestras que tocavam no salão de festa, na boite e no cassino do Grande Hotel (na década de 40) manteve, no Clube, um conjunto que animava as horas-dançantes - "Benedito Carneiro e seus rapazes".

Mas foi nos anos 60 que o clube intercalou na programação oferecida ao seu público fiel a performance de vários grupos musicais. Apresentava-se, entre eles, a Orquestra Laranja. Essa orquestra foi formada graças ao trabalho de Júlio Fernandes com as crianças do Barreiro e a abnegação do Dr. Luis Aranha que frequentava regularmente a Estância e doou os instrumentos para que fossem ministradas aulas de música. O nome da Orquestra foi uma homenagem dos músicos ao seu benfeitor.



*Orquestra Laranja em composição especialmente formada por Rubens, João Bosco, Edson, Wilson, Júlio Fernandes, Otávio, Antônio, Hélio, Geraldo e Reizinho. 1960.  
Arquivo SPH-FCCB*

**PAPELARIA  
ARAXÁ**

Cópias a R\$ 0,08. Estampas em camisetas  
De 2ª a 6ª de 7:30 às 21:00 horas

Novo endereço: Rua Mariano de Avila, 17

**ANTÁRTICA**  
DISTRIBUIDORA DE CERVEJAS ARAXÁ LTDA.  
Av. Amazonas, 2500  
Fone 662-3193

**SÓ COLCHÕES  
TAPEÇARIA**  
MAIOR ESTOQUE - MENOR PREÇO  
RUA CAPITÃO IZIDRO, 486, ESQ. C/N SENHORA  
DA CONCEIÇÃO - FONE 661-5788 - ARAXÁ

Ao lado da Orquestra Laranja composta por Reizinho, José Marques, Quinha, Benedito, Barsanulfo, Édson, Otaviano, Madalena, Rubens Amaral e Manoel, também animavam as festas a própria Orquestra Júlio Fernandes,



Público presente ao comício realizado na Rua Presidente Olegário Maciel, em frente ao Clube Brasil, 1955. Doação de Domingos Santos. Arquivo SPH/FCCB.

a "Laércio de Franca", a Cassino de Sevilha e os Poligonais, de Uberaba.

Posteriormente, o Conjunto do Parreira, liderado por Antônio Carlos Parreira, proporcionou oportunidades a vários músicos e contribuiu para a realização de inúmeras manifestações culturais e sociais no Clube. Com ele tocavam também Reizinho, Osvaldinho, Max, Adão, Flamarion e Marcelo. Mais tarde, houve participação de Danilinho, Cizinho, Pedrinho e Berreca.

#### QUESTÕES ADMINISTRATIVAS

Apesar de grande movimentação, em março de 1961, após registrarem a dificuldade em encontrar associados que se dispusessem a dirigi-lo, foi eleita nova diretoria com Oswaldo Pereira Marques na presidência. O Conselho Deliberativo aprovou, conforme registro em ata, resoluções quanto à venda de ações em regime preferencial com o objetivo de ampliar o capital do Clube e promover remodelação da sua sede oficial. Para isto é certo que se discutiu um projeto já existente de autoria do arquiteto ítalo Pezzuti.

A Assembléia Geral Extraordinária de 05 de outubro de 1962 aprovou uma reforma dos Estatutos que em seguida foi publicada. A partir desta data, os estatutos muito diferem daqueles primeiros, aprovados em 1937, quando da criação do Clube. Fixou-se em 1500 o número de ações emitidas, "não podendo exceder de 30 o número de ações em nome de um único associado".

O Cine-Brasil continuava despertando interesse do público e de arrendatários, o Clube adquiria mesas de bilhar Snooker e a sua diretoria colocava em pauta a discussão em torno da criação de uma biblioteca, determinação dos estatutos de 1937. Trinta anos depois, portanto, numa iniciativa do diretor Gilberto Augusto Silva, aprovou-se em 1967 um orçamento para as primeiras aquisições de livros.

Paralela à biblioteca, o ano de 1967 trouxe uma inovação decorrente das transformações da década. Pela primeira vez, também em trinta anos, uma mulher assumiu um cargo na diretoria que até então era composta exclusivamente por homens. Maria Isabel de Avila foi a diretora social, na gestão do presidente Paulo Roberto Maneira e do vice José Porfírio de Oliveira. Somente na década seguinte, Elisa Maria Alves da Costa assumiria a mesma função (em 1978) e Lídia Santos Marques ocuparia esse cargo em 1987, totalizando o reduzido número de mulheres na direção em toda a história do Clube.

Embora a chamada revolução cultural dos costumes tenha eternizado os anos sessenta, devemos lembrar que o Brasil vivia, ao final da década, seu período mais crítico de opressão das liberdades individuais desde o movimento militar de 1964. Como todas as instituições de qualquer natureza, o Clube Brasil refletia essa realidade e em uma de suas reuniões decidiu-se que "...não se permitem atos que escandalizem e sejam motivo de maledicência contra as boas regras dos costumes, como seja, demonstrações de excessivo carinho, beijar e outros mais." Proibiu-se, ainda, o uso de short, para homens e mulheres, nas suas dependências, a partir das dezessete horas.

#### OS ANOS 70

No início da década de 70 o Conselho Deliberativo registrou o seu lamento quanto ao desinteresse da maior parte dos acionistas para com os problemas do Clube. Isso podia ser verificado no pequeno índice de presenças às reuniões.

Na gestão de João Alonso de Oliveira, assumiu a diretoria social Cornélio Wantuil Siqueira, gerente da década anterior. O Cine Brasil e o bar do clube eram arrendados a particulares. Embora o primeiro fosse um empreendimento concorrido, o segundo apresentava precariedade em seu funcionamento.

Em 1975, convocou-se a Assembléia Geral Extraordinária para discutir e aprovar novos estatutos sociais para o Clube. Era presidente Terêncio Prado Pereira Vale e é importante ressaltar que nesta gestão, foi elaborado o último projeto para reformá-lo. Até 1977, foram registradas propostas de admissão de novos sócios.

No final dos anos 70, a diretoria através do seu presidente, Dr. Edson Porfírio Ferreira, considerou o período como sendo de pleno equilíbrio econômico-financeiro. O Clube alugava como sempre o fizera, parte de suas dependências a casas comerciais e arrendava o seu bar e o cinema. Nesta época, estabeleceu-se um convênio entre o Clube e a CBMM para regulamentar a admissão e a frequência dos associados do "CBMM Clube".

As atas das reuniões assinalaram no ano de 1980 o retorno do Dr. Danilo Cunha, há muito afastado da direção, ao Conselho Deliberativo. Em 1986 tornaram-se evidentes os sinais de decadência, inclusive física, do quase quinquentenário Clube. A frente da sua diretoria, Ênio Braga de Araújo (presidente) e Rinaldo Cunha (vice) uniram-se a um grupo de pessoas formado por Cornélio Wantuil Siqueira, Fernando Braga de Araújo, Ronaldo Ribeiro de Paiva, Edmar de Oliveira, Alberto Radespiel Júnior e Eliana Nesrala, organizando um movimento que visava a promover atrativos ao associado e revitalizar a instituição.

#### OS 50 ANOS

Em 1987, novamente com Ênio Braga de Araújo na presidência e como vice, Fábio Drummond, genro e filho respectivamente de Dâmaso Drummond, um dos fundadores, notou-se uma preocupação em realizar um levantamento do quadro de associados, na tentativa de regularizar e conferir as ações.

A diretoria comemorou os cinquenta anos do Clube com uma programação festiva que constou de coquetel, show, inauguração da galeria dos ex-presidentes e outras atrações. Comanda seus destinos, desde 1993, uma diretoria formada por Marcelo Gusmão Machado (presidente), Fábio Drummond (vice), Jacy Alves Furtado e Fábio Pinheiro dos Santos (1º e 2º secretários), José Álvares dos Santos e Wanderley Alves Valle (1º e 2º tesoureiros), Ênio Braga de Araújo (Diretor Social).

Hoje, quando completa seu sexagésimo aniversário é inquestionável a premente necessidade de reavivar o espaço cultural do Clube Brasil.

Como patrimônio histórico, arquitetônico e cultural de grande significado para Araxá ele deve e merece ser preservado. Consciente disso, a atual diretoria, ao permitir o acesso da Fundação Cultural Calmon Barreto aos seus arquivos, tornou possível a realização desta pesquisa.

#### Fonte:

- **Primária:**
  - Arquivos do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto
  - Arquivo do Clube Brasil
  - Arquivo da Prefeitura Municipal de Araxá
  - Cartório de Registro de Imóveis
  - Cartório de Registro de Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas de Araxá
  - 2º Tabelionato de Notas de Araxá
- **Secundária:**
  - DRUMMOND, Dâmaso. *A Presença dos Drummond em Araxá*. Araxá, Gráfica CMA, 1995.
  - FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4ª edição, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
  - **Depoimentos:** Dâmaso Drummond; Domingos Santos; Wilson Pinheiro dos Santos; Francisco Teófilo dos Santos; Marcelo Gusmão Machado; José Álvares dos Santos
  - **Agradecimentos:** Sebastiana Lúcia Machado; Regina Maria de Lima Chaves; Olavo Carvalho; Maria Teresa Carvalho Nascimento; Marcelo Gusmão Machado; José Álvares dos Santos; Sônia Maria dos Santos; Odilon Carlos Carneiro; Ana Valéria de Oliveira; Tarcisio Cardoso; Dr. Osvaldo Teixeira Afonso; Ana Vitória Cabral Machado.



**CREDIARA**  
O BANCO  
DO PRODUTOR

RUA MARIA RITA DE AGUIAR, 172  
FONE 662-1241 - ARAXÁ

**COPASA MG**

**TRAZENDO SOLUÇÕES**

# RESGATE POSTAL

## Os Correios

O estudo de temas específicos da história local, a partir de experiências humanas, no seu dia-a-dia, vem proporcionando à pesquisa histórica a exploração de aspectos comuns da memória, antes esquecidos ou até mesmo considerados irrelevantes.

Costumava-se dizer que, nas pequenas cidades, o carteiro é uma pessoa chave. Depois do prefeito, do delegado, do médico e do barbeiro está o mensageiro postal, o distribuidor de correspondências.

A história dos Correios remonta aos tempos do Império quando, no Brasil, houve uma tentativa de organização desses serviços, que inicialmente eram separados dos Telégrafos, codificando uma legislação sobre o assunto.

Antes mesmo de se instalar aqui a Câmara Municipal e de se constituir a Vila de São Domingos do Araxá, em 1833, havia um administrador geral do Correio responsável pela repartição do Desemboque e de Araxá.

Pouco depois, uma preliminar estrutura atuava para praticar o processo de comunicação postal. Do estafeta que conduzia as malas, ao carteiro que distribuía a correspondência e até do administrador geral ou agente eram exigidos pré-requisitos para o exercício dessas funções. Na documentação do século XIX nota-se que ao cidadão indicado ou ao que se dispusesse a exercê-las, requiriam-se "independência de caráter, honra e sisudez". Para ser o agente postal também era preciso exercer outro ofício que oferecesse a subsistência já que, ao que parecem indicar os documentos, não se tratava de uma função remunerada.

### CAMINHOS TORTUOSOS

Os ofícios e os papéis chegavam a Araxá pelas estações férreas, vindos do Governo Imperial, no Rio de Janeiro e da Sede do Governo Provincial, em Ouro Preto. Das estações eram conduzidos, apesar das dificuldades de comunicação e das condições geográficas, ao seu destino final. Conforme a descrição dos antigos documentos, nesses trajetos eram enfrentados caminhos tortuosos, léguas de distâncias e ribeirões sem pontes.

Não foi possível ainda identificar o lugar onde os Correios funcionavam em Araxá durante o século XIX. É provável que tenha sido na própria Câmara Municipal por ser um serviço público, pela importância que implica esta atividade e pelo fato de ter sido o antigo arquivo do Poder Legislativo a fonte em que se encontram os documentos pesquisados.

Sabe-se que, na década de 1920, a agência do Correio funcionava ao final da Rua Alexandre Gondim, em uma chácara, cujo proprietário, Ederlindo Lannes Bernardes era o Agente Postal. Nesse mesmo tempo o Telégrafo funcionou na antiga Rua do Comércio. Logo depois, o Correio teria sido transferido, segundo depoimentos orais, para a Rua Cônego Cassiano, próximo à casa comercial de Elias Leime. Porém, um requerimento assinado pelo então agente postal, em 1927, solicitando contadores de luz ao Prefeito Municipal, indicou que em janeiro daquele ano a



Agência dos Correios. Esquina da Rua Dom Bosco com Rua Mariano de Ávila. Década de 30. Acervo José França.

Agência do Correio estava se deslocando da Rua Alexandre Gondim para a Rua do Comércio.

### AGÊNCIAS

É comum, ainda nos dias de hoje, o agente ter sua residência no próprio imóvel ocupado pelos Correios. Tal prática implicou o antigo hábito de as pessoas recorrerem aos serviços postais, durante muito tempo, em horários não comerciais. Isso ocorria porque o próprio Correio, como único meio de comunicação disponível, funcionava em tempo integral todos os dias do ano.

Uma fotografia publicada no "Álbum de Araxá" em 1928 registrou a sede do Correio construída especialmente para este fim, na Rua Almeida Campos. Da mesma forma, outro documento fotográfico marcou a época em que o Correio, posteriormente, passou a funcionar na esquina da Rua Dom José Gaspar com a Rua Mariano de Ávila.

Na década de 1950 novas instalações foram construídas para sediar os Correios, já unidos aos Telégrafos. Mas a evolução que levaria a um maior contato do funcionário com o público, dentre inúmeras inovações, viria bem mais tarde. A recepção que, antes, apresentava um biombo com uma pequena janela transformou-



Atual Agência dos Correios Araxá. Inquérito SPH/UCB

se em um espaço aberto com amplo balcão.

Nos últimos quarenta anos, os carteiros acompanharam o avanço dos Correios e ainda se lembram do tempo da goma arábica, utilizada para colar o selo, e do velho lacre obtido através de uma barra colorida, derretida ao fogo, com a qual se carimbava e se lacrava a correspondência.

### FILATELIA

Os selos merecem uma referência à parte. Criados também na época imperial, concederam ao Brasil o direito de estar entre os países pioneiros no uso de selos postais. Muito mais do que marcar o itinerário

da correspondência, é função do selo ser o elo de comunicação entre os países pelo seu significado cultural e pelo seu apuro estético.

Em Araxá, o Clube Filatélico Dr. Christiano Barsante Santos reúne colecionadores dispostos a trocarem informações, conhecimentos e espécies de selos. O nome do Clube é uma homenagem ao filatelista histórico que deixou como legado uma coleção de selos do Brasil e de inúmeros países.

Na memória dos carteiros estão as noites passadas na Estação Ferroviária Oeste de Minas à espera das malas postais vindas pelos trens, sem horário definido para chegarem. As malas eram conduzidas por carroças e, algumas vezes, no ombro dos próprios carteiros até o Correio.

Devolver uma correspondência era uma atitude completamente inaceitável. Era preciso buscar dados, investigar nomes e endereços, pesquisar sobre o destinatário, trabalho que se multiplicava durante as festas de final de ano. Às vezes, o envelope trazia um bilhete do remetente solicitando o especial empenho do carteiro, atitude que denota uma estreita relação entre aquele que utilizava o serviço do Correio e o distribuidor de correspondências.

Podemos concluir, através dos depoimentos colhidos, que a função de transportar notícias, esperanças, saudades e sonhos, expressos em papel, rendeu aos carteiros, hoje aposentados, a consciência de que praticavam um ofício essencial à comunidade, agora tema de estudo para reconstituir a nossa memória.

### Fonte:

- Arquivos do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto
- Revista Cultura. Publicação Oficial do Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Documentação e Divulgação. Brasília, 1976.

### Depoimentos:

- Divino Gilson Cardoso, Getúlio Pereira de Souza, Domingos Santos, José França e Maria Santos Teixeira



# arafertil